

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bag, Mario Mentiras caipiras [livro eletrônico] / texto e ilustrações Mario Bag. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. do Autor, 2003. eBook

ISBN 978-65-00-81618-1

1. Versos – Literatura infantojuvenil I. Título.

23-174096

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Literatura infantil 028.5
- 2. Literatura infantojuvenil 028.5

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Primeira edição: Editora Paulinas, São Paulo, 2010

Esta edição foi revista e revisada em 2023 e disponibilizada em arquivo digital PDF para download grátis

(Peça o link pelo email: mariobag1@gmail.com)

Copyright © 2023, Mario Bag

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita acima, encontrase registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es)."

Mentiras Carpiras

TEXTO E ILUSTRAÇÕES: MARIO BAG

SUMÁRIO:

BOA TARDE!

VIAGENS INCRÍVEIS

O CIRCO CHEGOU!

ÁRVORES FANTÁSTICAS

ET'S NA ROÇA

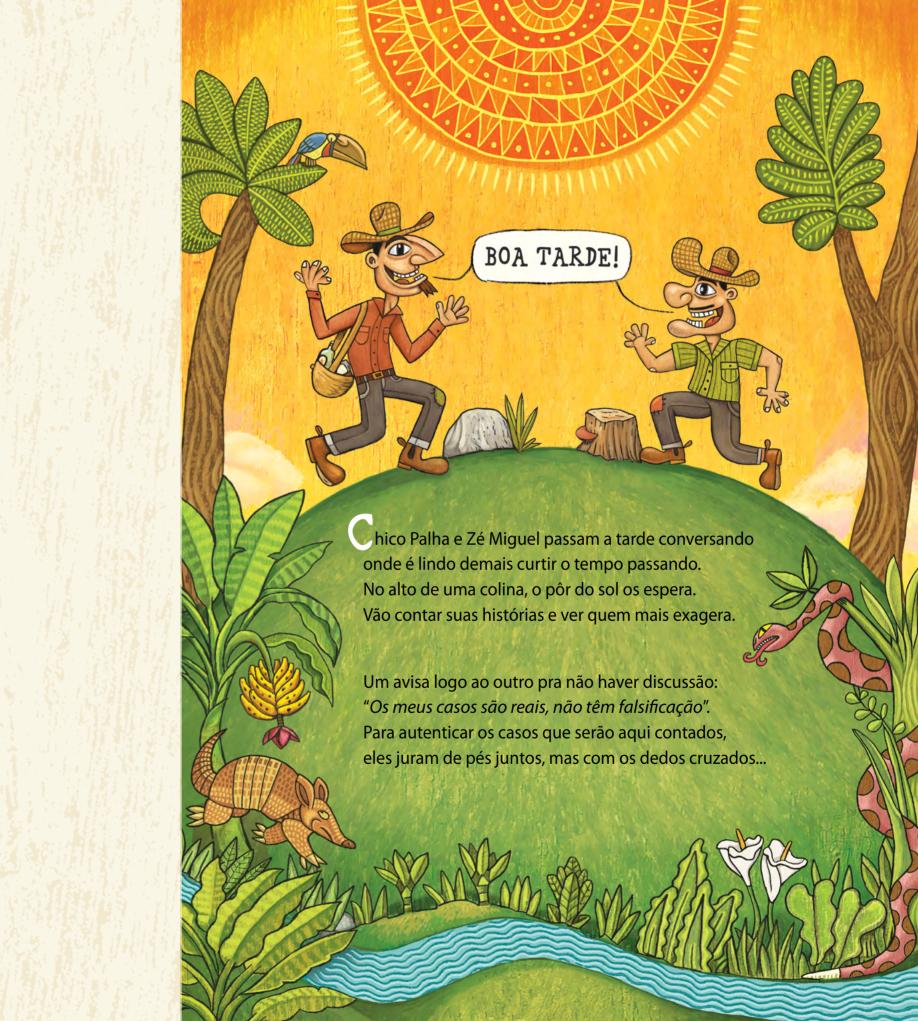
ONÇA E OUTROS BICHOS

ALMAS DE OUTRO MUNDO

GARRAFAS NO MAR



→Edição Limitada+



VIAGENS INCRÍVEIS



resci no meio da roça, nunca tinha visto o mar. Um dos meus maiores sonhos era um dia navegar. Aluquei uma barcaça e fui com uma turma esperta fazer um grande passeio a uma ilha deserta.

Eu me diverti à beça, foi uma farra danada. Mergulhei umas cem vezes no marzão de água salgada. Durante o piquenique, nos bronzeamos ao sol. Depois fomos para a beira e jogamos frescobol.

Ao chegar o fim da tarde, terminada a gandaia, fui andando pela areia, catando o lixo da praia. Distanciei-me do grupo e, quando dei pela hora, vi o barco já no mar com o povo indo embora!

Mas que gente mais ingrata, que triste decepção! Esqueceram-se de guem planejou toda a excursão. Corri pela praia aos berros, gesticulei feito louco, mas o barco foi sumindo no horizonte pouco a pouco...



Figuei na ilha deserta por semanas, isolado. Me senti, durante as noites, num pesadelo acordado... Mas, num dia iluminado, eis que brilha em minha mente uma ideia luminosa pra voltar ao continente!

Fiz uma jangada inteira com as garrafas de plástico e lancei-me então ao mar, num feito quase fantástico. Tive sorte com o tempo pois soprava uma brisa nas velas improvisadas com minha calça e a camisa.

Fiz os remos com as raquetes do jogo de frescobol. Eu pescava com o chapéu, pois não tinha nem anzol. Cardumes de tubarões eu enfrentei bravamente pois a vida me ensinou a ser forte e valente!

Cheguei vivo em terra firme, depois dessa odisseia que daria até um filme, vocês não fazem ideia... Mas não houve testemunha da chegada triunfal.







onto agora que eu senti uma grande emoção na primeira vez em que viajei de avião. Fui ao Rio de Janeiro pra uma grande feijoada e passei todo o domingo numa festa arretada.

No voo de volta ao lar, à meia-noite e meia, os passageiros dormiam, todos de barriga cheia. Acordei e logo notei o avião sem direção. Então fui até a cabine do piloto Arnaldão...

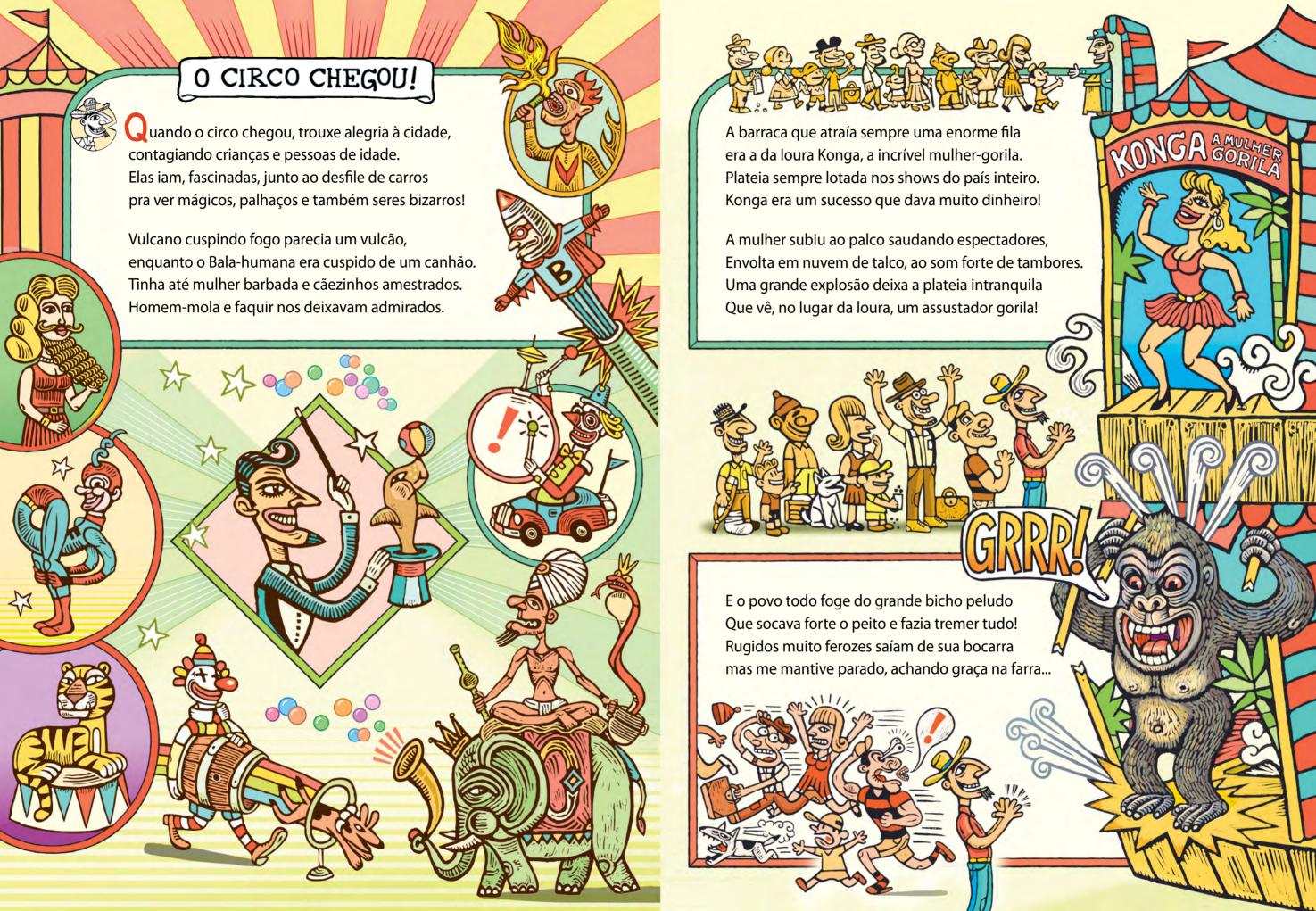
Ele estava a dormir e roncava feito um urso. Sem controle, o avião estava fora do percurso! Sacudi muito o sujeito, que não acordou por nada, Pois foi o que mais comeu da pesada feijoada.

Agarrei-me ao comando, tive uma sorte danada de avistar logo abaixo uma faixa iluminada. Com certeza, era a pista de um grande aeroporto. E alinhei o avião que voava todo torto.

Mirei o bico na pista como uma flecha no alvo. Tinha que pousar sem erro, com todos a bordo a salvo. Fechei os olhos com medo ao baixar o aeroplano mas o pouso foi perfeito, de piloto veterano!







Eu pensava que era truque ou uma simples fantasia, uma roupa de macaco que alguém do circo vestia. Até que o grande gorila foi chegando bem mais perto e eu fui logo abandonando minha pose de esperto...

Finalmente encarei a dura realidade quando vi que era mesmo um gorila de verdade! Como é que exploravam a criatura em extinção numa barraca de circo, só por pura diversão?

O bicho ficou bem triste, e uma lágrima caiu ao ver que alguém da plateia, sem temê-lo, não fugiu. Em vez de me apavorar, peguei no bolso um lenço pra enxugar os olhos tristes daquele animal imenso...

De repente eu escutei uma zoeira tremenda. Como sou um curioso, fui olhar fora da tenda. Vi a tal loura cercada por enorme multidão. Sorria e dava entrevistas pro rádio e televisão.

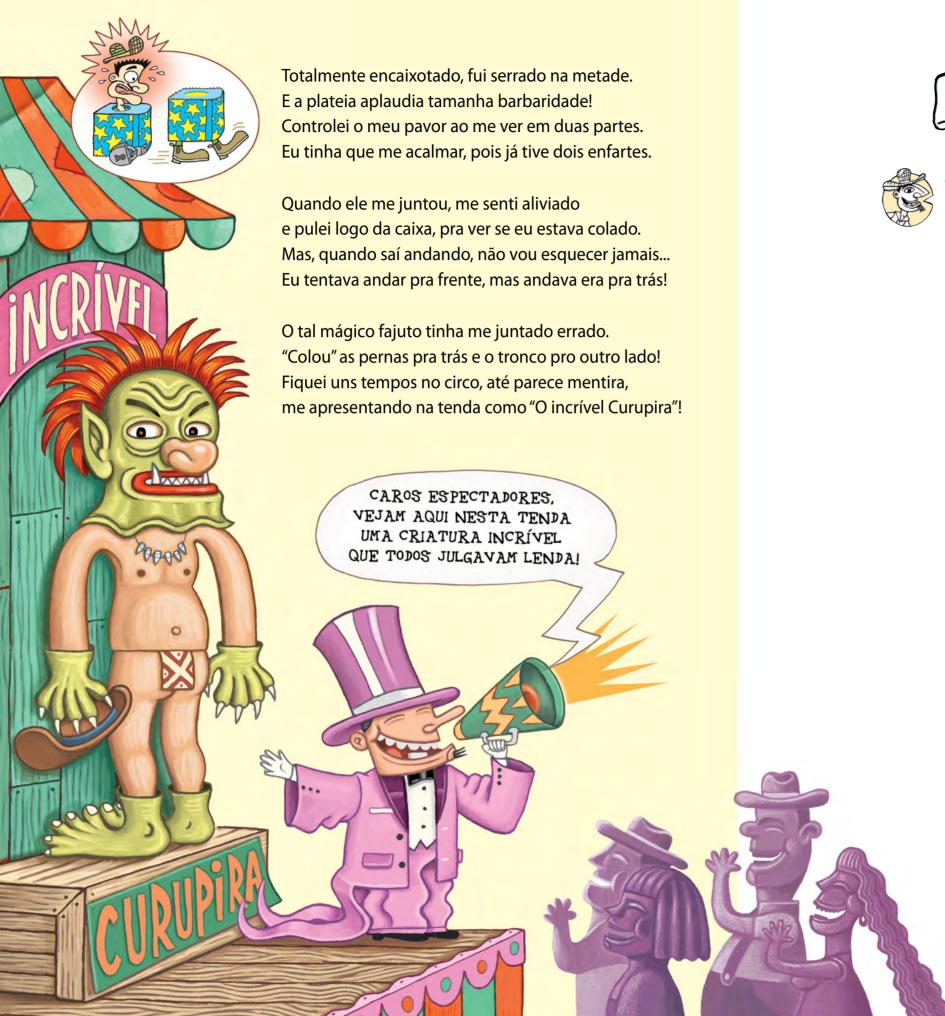
O problema do animal, entendi logo de "prima". Ele estava era sofrendo de baixa autoestima. A mulher ganhava fama e estava cheia da grana. Só sobrava pro gorila alguns cachos de banana.

Pra acabar com o abuso, arrastei-o pelo braço, convencendo-o de que ele não era nenhum palhaço. E mandei-o em um barco rumo à terra natal. Da selva ele manda, às vezes, um belo cartão-postal.









ÁRVORES FANTÁSTICAS

Lu nasci em um lugar que meu coração adora mas cresci na esperança de um dia cair fora. "Tentar a sorte no mundo? Ficar na terra querida?", era o grande dilema que eu enfrentava na vida.

Fui pro alto da colina em busca da solução, dando nós em capinzinhos que eu catava pelo chão. Dar nós naqueles matinhos tinha virado mania mas também me ajudava a pensar no que eu faria.



Um dia eu resolvi que iria mesmo embora. Bater asas noutro canto, já estava mais que na hora. Viajei para a cidade, fui tentar vida melhor. Mas voltei depois de anos, numa situação pior...

Fui pro alto da colina, como ia antigamente, mas tomei um baita susto com o que vi na minha frente: uma árvore estranha, com galhos cheios de nós, todos muito enroscados, pareciam caracóis!





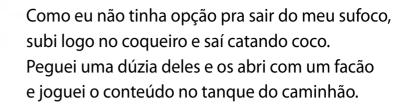
u ia de caminhão pra uma festa em Teresina mas no meio da estrada acabou a gasolina... Não havia quase nada no lugar quase deserto mas por sorte avistei uma casinha bem perto.

Toquei o sino da porta e logo veio um sujeito com olhar amalucado, que achei meio suspeito. Perguntei se ele sabia se ali perto havia um posto. Ele disse sem mostrar nenhuma emoção no rosto:

"Tem um coqueiro lá atrás, no meio do meu quintal. Cate os cocos que quiser, encha todo seu bornal. Coloque no caminhão a água do coco no tanque. Depois gire a ignição, até que o motor arranque".

Pensei que o tal sujeito estivesse de pilhéria ao dizer tal absurdo, ainda mais com a cara séria. Ele nem se ofendeu quando eu mostrei descrença. Entrou e bateu a porta, sem mesmo pedir licença.

Vi, através da janela, ele voltar apressado para frente da tevê, quase hipnotizado... E ficou muito agarrado a um controle remoto. Se a tevê fosse um altar, ele seria o devoto!



Dei partida no motor que, de estalo, funcionou. Parecendo uma Ferrari, a lata-velha roncou! Fiquei pasmo e voltei à porta do tal sujeito. Toquei o sino de novo, desta vez meio sem jeito.

Ele abriu só a janela e me deixou lá de fora para ver se eu me tocava e que fosse logo embora. Sem tirar um só segundo um dos olhos da tevê, o sujeito me explicou a causa e o porquê:

"Há uma mina de petróleo debaixo deste terreno que vale uma fortuna, apesar de ser pequeno. O coqueiro absorve o petróleo e o refina. Em vez de água de coco, o coco tem gasolina.

"Se eu construísse aqui a minha refinaria, eu ficaria bem rico, de uma noite para o dia. Mas por que vou investir nesse complicado engenho? Pra que quero gasolina, se nem mesmo carro tenho?

"Uma torre de petróleo fincada no meu quintal Pode dar interferência e a tevê vai pegar mal... Sei que deixo de ganhar um tremendo dinheirão. Mas não posso é deixar de assistir televisão!"

E eu usei água de coco no lugar de combustível... Confesso que também acho esse caso muito incrível. Mas eu digo que é verdade, juro por Nossa Senhora, ou estaria na estrada, enguiçado até agora!



Uma noite, eu andava numa estrada em Varginha, e vi uma luz no céu que riscava uma linha. Bem na minha direção, a luz foi logo aumentando. E eu fui, dentro da minha calça, logo me amedrontando!

O facho tão luminoso parecia um cometa. Ao cair, vi uma nave, que era de outro planeta. Com cuidado, aproximei-me do veículo espacial que piscava sem parar, feito árvore de Natal!

A porta foi-se abrindo e saiu bem devagar um estranho ser azul, do qual sempre vou lembrar. Um ser interplanetário não é coisa que se esqueça. Tinha dois olhos enormes numa enorme cabeça!

Quatro braços muito longos se agitavam no ar, parecia que queriam tentar se comunicar. Nenhum som era emitido de sua boca atrofiada mas eu "escutava" tudo, com uma nitidez danada! Captei logo a mensagem que a criatura "dizia". Talvez aquilo é que fosse a tal da telepatia. "Disse" que veio à Terra atrás de um mundo melhor, pois a vida em seu planeta ia de mal a pior.

E sumiu dentro da mata, como se por um encanto. Vasculhei todo o lugar; não o achei em nenhum canto... Não tive notícias dele, mas eu creio plenamente que ele vive entre nós, disfarçado como gente.

Pois logo apareceu na minha cidadezinha um incrível sanfoneiro, que veio lá de Varginha. Além de ter olhos grandes, o danado é cabeçudo. Seu nome é Etelvino. E pasmem! Ele é mudo!

Tocando sua sanfona, digo agora pra vocês, Ele é mesmo de outro mundo, tal a sua rapidez... Nem parece ter dois braços, parece que tem é quatro. Quando anima o forró, lota sempre o teatro,

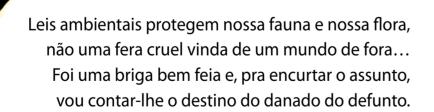




Oua história é incrível, mas escute meu relato, Numa noite bem escura, eu matutava no mato. Uma luz verde brilhou no caminho adiante, e surgiu na minha frente um monstro apavorante!

"Sou o terrível chupa-cabra, se prepare pra morrer!", Me disse a criatura, que era feia de doer! Mas eu fui muito valente e disse pro cafajeste: "Se tu és o chupa-cabra, eu sou o cabra-da-peste!".

E parti para lutar, sem culpa nem piedade, pois senti que a criatura era feita de ruindade! Meu ataque foi certeiro, em legítima defesa... Não havia lei alguma que defendesse a presa.



Você lembra da minha festa no dia de Ano Novo? Eu não tinha um tostão, nem pra farofa com ovo. Nem tinha asa de frango para enganar no churrasco. Minha festa perigava ser um enorme fiasco! Mas, no fim, só elogios pelo prato que servi: "Essa carne de cabrito é a melhor que já comi!". O que todos lá comeram, revelo só pra você: A iguaria da festa foi churrasco de ET!





E eu fugi em disparada dos ferozes animais. Eu estava bem à frente, mas eles corriam mais. Quando já estava certo que seria o meu fim, o chão sumiu e um buraco surgiu abaixo de mim.

Despenquei pelo buraco e quando cheguei no fim fiquei numa escuridão que não via nem a mim. Estava todo arrebentado, mas ainda tinha vida. E tentei, desesperado, procurar uma saída.

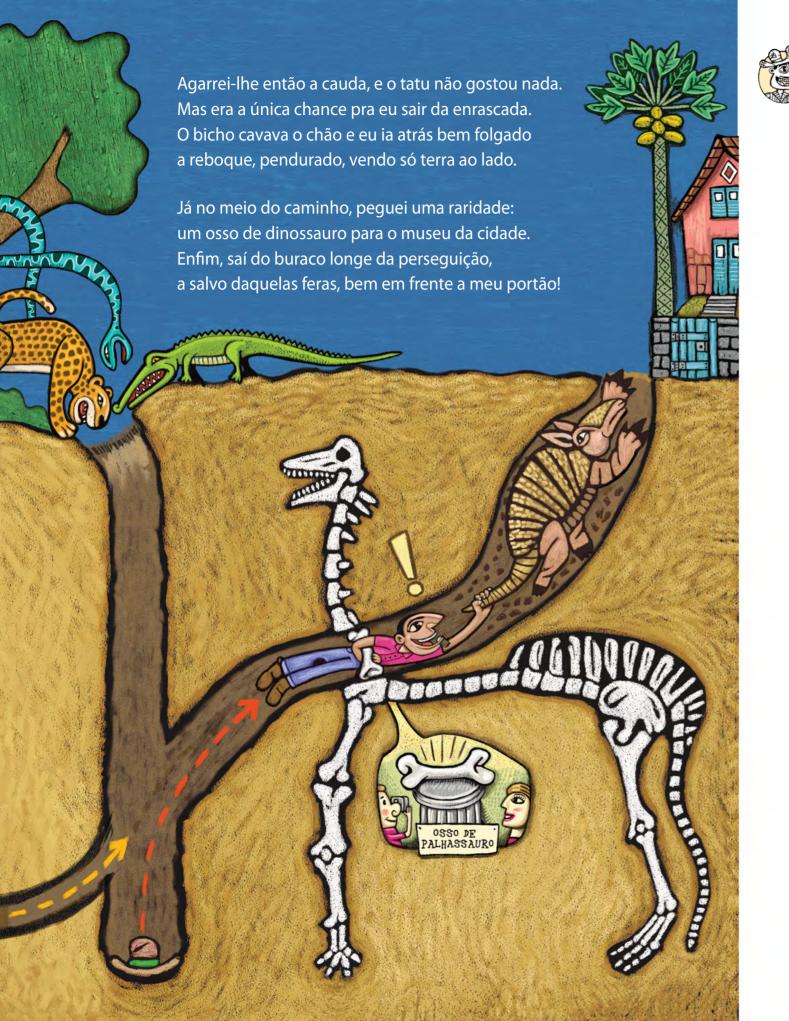
Eu não via a luz do sol naquela profundidade.
Perdi a noção do tempo... parecia a eternidade.
Mas eu tinha que aguentar... uma coisa eu garanto:
a agonia era dura, até pro mais forte santo.

Eu já estava derrotado, sem nenhuma esperança. Não sabia se eu ria ou chorava igual criança... Então, ouvi um barulho... parecia escavação. Senti que se aproximava, enfim, minha salvação.

Um buraco se abriu de repente, meu amigo, e vi um tatu enorme ficar de cara comigo!

O bicho se espantou, ao me ver na sua frente pois eu é que era estranho naquele meio ambiente.





Que caso impressionante, até parece mentira...

Mas juro que acredito, controle a sua ira.

O que eu vou contar agora também tem onça no meio.

É tão inacreditável, quase que nem mesmo eu creio.

Depois que me aposentei, comprei uma fazendinha e comecei a criar porco, cabra e galinha. Mas, ao invés de crescer, ocorria algo estranho. Dia a dia a criação diminuía de tamanho!

Eu notava que os porcos sumiam de três em três mas os pequenos cabritos sumiram de uma só vez. Me toquei que era a hora de uma investigação quando só sobrou galinha de toda a criação.

Chamei o veterinário, um tal de João Mendonça, que logo achou no chão uma pegada de onça. Perguntei-lhe por que a onça não levou uma só galinha, Ele disse: "Vá pro mato perguntar à própria oncinha"...

Fui pro mato à procura do tal felino ladrão. Eu não queria caçá-lo, só espantar da região. Sei que onça é protegida pelas leis ambientais, mas eu não queria extintos os meus próprios animais.

Eu já estava na mata, quando a escuridão chegou. Deu-me uma fome danada e a barriga roncou. Depenei uma galinha que eu trouxera de casa e acendi uma fogueira para tostá-la na brasa.

Quando já estava no ponto de mandá-la pra goela, senti um bafo na nuca... fiquei branco igual uma vela! Uma onça de três metros babava no meu pescoço com certeza comeria até meu último osso...









Agarrei todas as penas que estavam adiante e sacudi os meus braços como galinha gigante. Para ser mais convincente, pus os dois pés a ciscar, E sacudindo a cabeça, pus-me a cacarejar.

A onça, sem entender, me olhava assustada. Nunca vira uma galinha tão grande e desengonçada. Foi andando pra trás, até que sumiu no mato. Deixou-me sobreviver, pra lhe contar este fato!





Lu vou lhe contar agora um caso que é muito sério. Eu estava à meia-noite, na porta do cemitério esperando a condução, quando ouvi um assovio. Tremi da cabeça aos pés, num tremendo calafrio!

Senti uma mão gelada encostando no meu ombro. Foi tão forte o arrepio, que não disfarcei o assombro... Uma alma de outro mundo foi surgindo ao meu lado e falou, pausadamente, ao me ver tão assustado:

"O meu nome é Djalma, por favor, mantenha a calma. O ilustre cidadão deve ter medo de alma... Quando eu 'inda' era vivo, também tinha, é normal. Mas, não fique preocupado, eu não vim lhe fazer mal". Quase tive um enfarte diante do tal espectro, que não controlou o riso ao notar o meu aspecto. Ele disse que saiu do descanso da sua morte só pra me encontrar ali e mudar a minha sorte.

Ele tinha uma "barbada" para a próxima corrida: um cavalo correria como eu nunca vi na vida. Eu não gostava de aposta, disse logo de início... Na família tive gente que sofreu com esse vício.

Ele insistiu que o páreo seria uma moleza se eu apostasse tudo no cavalo Pata-presa. Se ele veio do além, podia ver o futuro... E resolvi arriscar já que estava mesmo duro.

No dia seguinte fui, na maior convicção, pedir dinheiro emprestado pra apostar no azarão. Esperei muito ansioso, até o rádio anunciar: "O cavalo Pata-presa acaba de desmaiar!".

Totalmente arruinado, sem um maldito tostão, procurei o tal fantasma pra tomar satisfação. Ele estava assoviando na porta do cemitério, e eu fui logo o abordando, com a maior cara de sério:

"Como você me indica um maldito pangaré que não termina a corrida e ainda deixa o jóquei a pé!?" Ele disse que o cavalo teve ataque de asma... "Mas quem te mandou ser tolo e acreditar em fantasma?"



Tia Emília tinha um bicho recebido de herança.
Papagaio de família, mimado igual criança.
Ela o esqueceu de fora, na chuva só por um dia...
Ele ficou tão doente, morreu de pneumonia.

No triste dia da morte do papagaio Lourenço foi tamanha choradeira que na casa faltou lenço... Depois de um dia inteiro velando o ente querido Tia Emília, comovida, fez-me o seguinte pedido:

"Ache um lugar decente, que seja muito florido, para enterrar o corpo do amado falecido". Acatando o pedido daquela triste senhora, embalei a ave defunta e saí porta afora.

Andei horas sem parar, sob um calor bem intenso sem achar lugar florido para enterrar o Lourenço. A região era quente, só tinha areia e cacto. Não sabia o que fazer pra cumprir aquele pacto...

O vazio da barriga começava a apertar e eu não levara nada para me alimentar. Se ficasse andando ao léu, de fome eu morreria e meu pobre esqueleto nenhuma cova teria.

O Lourenço embrulhado me lembrava um galeto. Não pensei nem duas vezes e o assei em um espeto. Achei o lugar mais digno para a ave da amiga: o Lourenço me forrou o vazio da barriga.

Voltei pra minha cidade e, com a cara mais sem graça, vi a minha pobre tia triste no meio da praça. Em casa, cheio de culpa, eu custava a dormir, sem saber do pesadelo que estaria por vir...



Não demorei a cair em total sono profundo mas acordei com uma voz, parecia de outro mundo: "Acorda, ó Zé Miguel", me dizia a voz grave. Pousado sobre meus pés, o fantasma de uma ave!

Num halo fosforescente – acredite se quiser – o fantasma da tal ave não tinha pena sequer! Eu fiquei petrificado, debaixo do cobertor. Parecia que eu estava em um filme de terror.

"Sou a alma do Lourenço, que voltou da eternidade Pra assombrar quem depenou-me sem nenhuma piedade! Quero já as minhas penas no meu corpinho de volta", Disse a alma depenada, sem esconder a revolta.

Lembrei que eu depenara o papagaio para assar. Engolir ave com penas, sinceramente não dá! Depois, noite após noite, repetiam-se as cenas: o fantasma sempre vinha me exigir as suas penas.

Voltei ao local do "crime", mas não tive resultado. Não achei pena alguma; o vento as tinha levado... Voltei logo para casa e depenei um espanador. Falsificaria as penas pra acabar com aquele horror.

Pintei de verde as penas e tive o maior capricho de arrumá-las numa cuia, para enganar o bicho. Achei que aquele truque tinha tudo pra dar certo, afinal o papagaio não era lá muito esperto.

Quando o dia clareou, a cuia estava vazia. Acho que a alma até gostou da sua nova fantasia. Mas, depois daquela noite, durmo com preocupação de que a alma do Lourenço note a falsificação...





Vou contar-lhe agorinha uma história genial. Controle a impaciência e escute até o final. Eu estava numa praia lançando minha tarrafa quando veio, enroscada, uma estranha garrafa.

Era toda de metal, muito velha e enferrujada, e eu a esfreguei com a mão para dar uma lustrada. Eu já estava imaginando que era uma velha cachaça mas quando abri a tampa foi saindo só fumaça.

Na hora até pensei que fosse lixo atômico, mas da fumaça surgiu um sujeito meio cômico. Fiquei calmo pois seu rosto tinha expressão amiga. O que mais me assustou foi sua imensa barriga!

"O meu nome é Mamede, sou um talentoso gênio. Fiquei preso na garrafa por bem mais de um milênio! Vou lhe dar, por gratidão, direito a um pedido. Antigamente eram três, mas isso foi reduzido."

Nunca acreditei em gênio, em duende ou em fada mas como negar alguém que surge no ar, do nada? Pensei logo em pedir queijo de Minas Gerais, mas pensei melhor e quis algo que durasse mais.

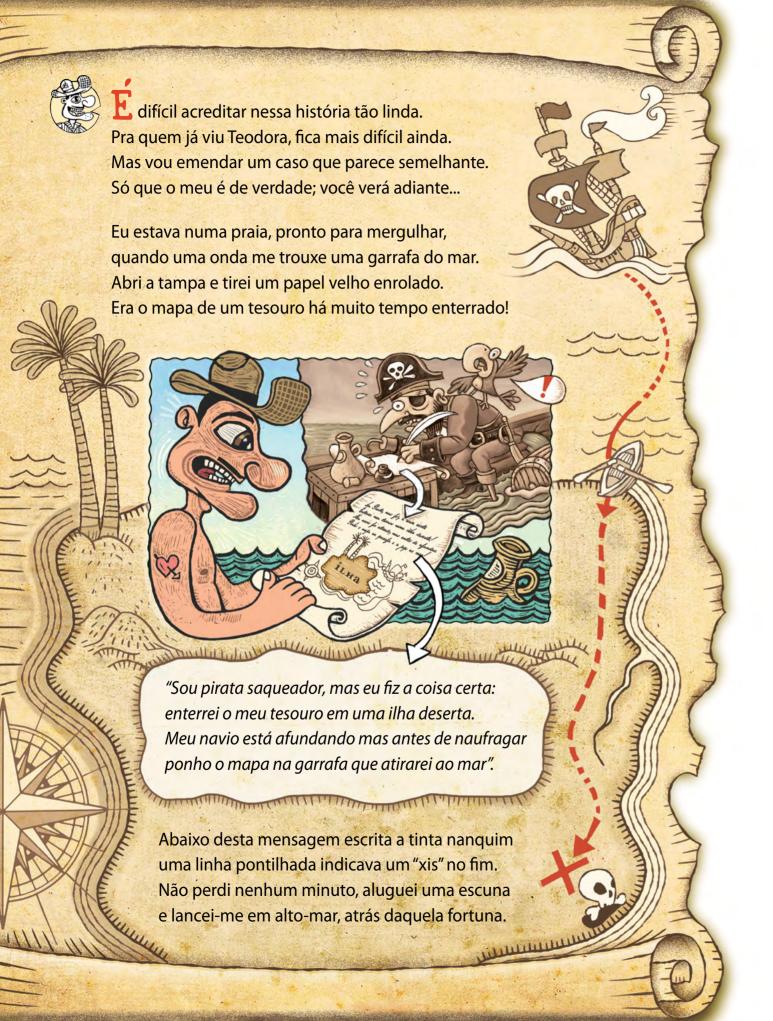
"Eu quero que uma mulher, linda dos pés à cabeça, apaixonada por mim, na minha frente apareça. E me faça bem feliz, mais até do que mereço. Se ela souber cozinhar, só por isso agradeço." O gênio estalou os dedos e, sorrindo, disse assim: "Realizarei seu sonho, pode confiar em mim. Vou deixá-lo agora a sós com o seu novo amor e vou curtir uma praia, pois está o maior calor".

E ele desapareceu, levando a garrafa junto. Pensei que fosse delírio, ou alma de algum defunto. Nosso subconsciente prega umas peças na gente... Mas uma formosa moça surgiu bem na minha frente!

Tinha os cabelos castanhos e olhos cheios de vida, tinha o corpo escultural e a voz mais linda ouvida. Fiquei totalmente zonzo com o desejo realizado e logo, em poucos dias, eu já estava até casado.

Desde então estamos juntos, eu e minha Teodora. Ela engordou uns quilos e já é uma senhora... Mas isso pouco me importa, ela ainda me adora e me deixa ir pra farra e voltar a qualquer hora.





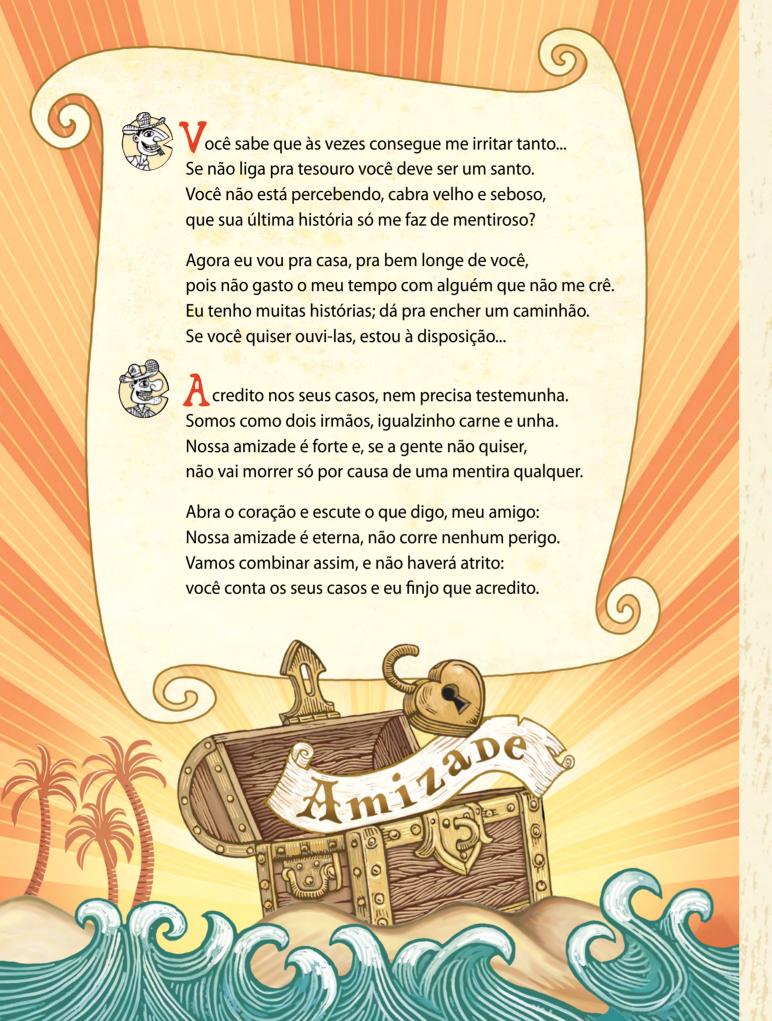
Quando eu achei a tal ilha, digo que fiquei surpreso. Vi um sujeito na praia, desmaiado e indefeso. Mesmo com toda magreza e a barba até o umbigo, eu logo o reconheci: era você, meu amigo!



Se passasse mais uns dias seu corpo desidratado, subnutrido e fraco, já teria ido pro saco. Você era osso puro, de tão que estava doente. Carreguei-o para bordo e rumei ao continente.

Até perdi o tal mapa, quando o vi em tal perigo. Sacrifico qualquer coisa para ajudar um amigo. Naquela hora senti que é mesmo uma verdade quando dizem que o maior tesouro é a amizade.

Mas lembrei-me, caro amigo, da sua primeira história em que você sai da ilha como herói, cheio de glória. Logo não era você o pobre sobrevivente pois o conheço tão bem e sei que você não mente...





Mario Bag é carioca da Tijuca desde 1956. Aos vinte anos decidiu que seria ilustrador profissional. A partir daí, assinou várias ilustrações para publicidade, revistas, capas de discos de vinil e de CDs.

Em 1993, convidado a colaborar com a revista Ciência Hoje das Crianças, teve o primeiro contato com edições infanto-juvenis. Isso o levou a publicar seus próprios livros: Mitos e lendas do folclore do Brasil, Histórias aumentadas (conforme são contadas), A loura do banheiro e mais 10 lendas urbanas, Meu primeiro livro de horror,

Seres notáveis do folclore entre outros.

